

A REPRESENTAÇÃO DA INFÂNCIA NAS FOTOGRAFIAS DA REVISTA VEJA ¹

THE REPRESENTATION OF CHILDHOOD IN PHOTOGRAPHS IN VEJA MAGAZINE

FURTADO, Thaís²
DORETTO, Juliana³

Resumo: *Se as vozes das crianças estão ausentes das produções noticiosas, suas imagens, por sua vez, têm muito mais relevância. Suas fotografias costumam funcionar como estandartes, mobilizando a sociedade a agir em casos de tragédias e guerras. Neste trabalho, investiga-se a representação visual das crianças em uma das principais revistas do país, Veja, da editora Abril, em 2019. Por meio do dispositivo teórico-metodológico da análise do discurso, aplicada à leitura de imagens, categorizamos 202 fotografias em eixos semânticos. Nessa sistematização, destacam-se imagens que mostram as crianças do sul global em sofrimento. A elas se contrapõem representações de uma infância burguesa, branca e vivida em ambiente privado, que remetem a um ideal moderno euro-americano, num olhar colonizador. Outra representação que sobressai mostra as tecnologias como ameaça à socialização das crianças, novamente brancas, ou como instrumentos que tornam os processos educacionais mais vívidos e interessantes.*

Palavras-Chave: *Infância. Imagens. Revista Veja.*

Abstract: *If children's voices are absent from news productions, their images, in turn, are much more relevant. These photographs often function as banners, mobilizing society to act in cases of tragedies and wars. In this work, we investigate the visual representation of children in one of the main magazines in the country, Veja, by Editora Abril, in 2019. Through the theoretical-methodological device of discourse analysis, applied to images, we categorize 2002 photographs on semantic axes. In this systematization, images that show children in the global south in suffering stand out. Contrasting with them are representations of a bourgeois childhood, white and living in a private environment, which refers to a modern Euro-American ideal, in a colonizing perspective. Another representation that stands out shows technologies as a threat to the socialization of children, again white, or as instruments that make educational processes more vivid and interesting.*

Keywords: *Childhood. Images. Veja magazine.*

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Processos Comunicacionais, Infâncias e Juventudes do 32º Encontro Anual da Compós. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 3 a 7 de julho de 2023.

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul; doutora em Ciências da Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, thaisfurtado93@gmail.com.

³ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa, jdoretto@gmail.com.

1. Crianças sem voz

Este artigo se enquadra nos estudos contemporâneos que se propõem a compreender a criança como um sujeito de direito a partir da legislação – principalmente o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)⁴ – e de um posicionamento teórico. Nosso olhar parte da área da Comunicação e, mais especificamente, do jornalismo.

Segundo Sarmento e Pinto (1997, p. 1),

(...) o estudo das crianças, a partir da década de 90, ultrapassou os tradicionais limites da investigação confinada aos campos médico, da psicologia do desenvolvimento ou da pedagogia, para considerar o fenômeno social da infância, concebida como uma categoria social autônoma, analisável nas suas relações com a ação e a estrutura social.

Pensar nas formas como as crianças se constituem como sujeitos sociais no mundo de hoje inclui necessariamente refletir sobre as diversas articulações que se estabelecem entre elas e a mídia. Tomaz (2009, p. 43) afirma que os estudos sobre a relação da infância com os meios de comunicação podem ser organizados, basicamente, a partir de dois questionamentos: “1) o que a mídia faz com as crianças e 2) o que as crianças fazem com a mídia”. A primeira abordagem, para autora, se divide em outros dois grupos: os estudos que tratam da representação das crianças pela mídia e os que pensam nos efeitos dela sobre as crianças.

Nossas pesquisas têm se enquadrado, principalmente, na primeira perspectiva. Temos nos dedicado, por exemplo, a identificar a presença – e mais ainda a ausência – da voz das crianças no jornalismo. Isso porque entendemos que a criança, além da necessária proteção, precisa ter assegurado seu direito não só de ser informada de modo qualificado, mas também de ser ouvida pelos jornalistas. Só assim, de fato, ela poderá ocupar seu espaço como cidadã, com opinião em relação ao mundo social que divide com sujeitos de todas as idades na contemporaneidade. Defendemos, portanto, que “a infância (...) não deve ser estudada a partir da questão de “qual é o mundo da criança”, porque esse mundo é o mesmo dos adultos. *Não há um ponto de vista sobre a criança, mas ela mesma (assim como todos) é um ponto de vista*” (DORETTO; COSTA, 2012, grifo das autoras). É dessa mesma forma que ela deveria ser tratada pelos jornalistas.

Nesse sentido, concordamos com Sarmento e Pinto (1997, p. 5, grifos dos autores) quando afirmam que:

A tradicional distinção entre direitos de *protecção* (do nome, da identidade, da pertença a uma nacionalidade, contra a discriminação, os maus-tratos e a violência

⁴ Ver https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm.

dos adultos, etc.), de *provisão* (de alimento, de habitação, de condições de saúde e assistência, de educação, etc.) e de *participação* (na decisão relativa à sua própria vida e à direção das instituições em que actua), constitui uma estimulante operação analítica. Ela permite, quando aplicada à investigação do estado de realização dos direitos, comprovar, por exemplo, que entre os *três p*, aquele sobre o qual menos progressos se verificaram na construção das políticas e na organização e gestão das instituições para a infância (e, em particular, nas escolas — cf. Jeffs, 1995) é o da participação.

Em consonância com outros autores (PONTE, 2005, 2009; MARÔPO, 2009, 2015; COHN, 2009), temos identificado que raramente meninos e meninas têm seu direito de participação respeitado pelo jornalismo. Normalmente não são entrevistados pelos repórteres e, quando são, suas falas aparecem de modo estereotipado, enquadrando a infância repetidamente em algumas poucas representações – a criança inocente, a criança consumidora, a criança vítima, a criança aluna, a criança perigosa etc. (PONTE, 2005; DORETTO; COSTA, 2012; FURTADO; GARCIA; BRESSAN, 2022).

Os motivos para que isso ocorra são vários e complexos, mas consideramos importante apontar que, em pesquisa anterior (FURTADO; DORETTO, 2020, p. 50), analisamos os manuais de redação dos cinco maiores jornais brasileiros e identificamos que as crianças são citadas apenas como pessoas protegidas pela lei: “É o receio da punição que rege a redação dos verbetes, ressaltando o descumprimento da legislação que a reportagem pode gerar, e não a preocupação com a criança como cidadã a quem o jornalismo deve servir”. Mesmo que seja fundamental que as publicações se preocupem com os cuidados que jornalistas devem ter ao tratar de crianças e que existam pautas em que realmente elas não devam ser expostas nem sequer ouvidas, chama a atenção que nenhum dos jornais incentive a escuta de meninos e meninas ao menos em reportagens em que são protagonistas e nas quais não corram o risco de exposição negativa.

O jornalismo, portanto, parece ainda não saber como incluir as crianças como fontes – e de certa forma até temer a criança enquanto fonte –, nem perceber a importância dessa inclusão, pois, como diz Trois (2017, p. 87), “as crianças estão ativamente envolvidas na construção de suas vidas, das vidas daqueles que as rodeiam e das sociedades em que vivem. As crianças mostram que estão bastante atentas às condições concretas em que vivem suas infâncias”. Portanto, é fundamental que elas sejam incluídas nos debates sobre acontecimentos noticiáveis que lhe dizem respeito, até para que se sintam representadas, tenham identificação com os

conteúdos jornalísticos e sejam consumidoras de jornalismo – não só no presente como no futuro.

Entretanto, ao constataremos a quase ausência da voz das crianças no jornalismo, nos chamou a atenção que a presença de imagens de crianças, ao contrário, é bastante comum. Em estudo anterior, analisamos as 52 revistas *Veja* impressas do ano de 2019 (FURTADO; GARCIA; BRESSAN, 2022). Identificamos que em apenas oito edições da revista de informação geral de maior circulação no país⁵ havia a presença da voz infantil, somando um total de nove crianças, já que em uma edição havia duas matérias com a fala de uma criança. Além disso, a forma como essas vozes foram incorporadas nos textos chama a atenção. Duas delas haviam sido assassinadas – e o motivo das reportagens eram suas mortes –, e suas citações eram de lembranças que os adultos tinham de fatos ocorridos antes de elas morrerem. E, ainda, cinco citações se enquadravam no que chamamos de Discurso Híbrido, que se caracterizava por um adulto contar o que uma criança havia dito. Percebemos que somente uma criança havia sido escolhida de fato como fonte. A partir de nossa análise, identificamos que as crianças podiam ser divididas em dois grandes grupos: as crianças em risco e as crianças consumidoras. Consideramos esse número de falas identificadas no estudo muito baixo, já que a revista publica uma média de 40 textos jornalísticos de diferentes gêneros em cada edição. Por outro lado, neste mesmo ano de 2019, no conteúdo jornalístico, foram publicadas cerca de 200 fotos de crianças, em diferentes pautas.

Dessa forma, passou a nos interessar essa diferença que existe entre a inclusão das crianças por sua voz e por sua imagem na revista. Neste artigo, portanto, nosso objetivo é, já levando em conta as reflexões apresentadas, identificar como a infância é representada nas fotografias da revista *Veja*. Antes disso, porém, trazemos algumas considerações sobre a relevância da fotografia nas revistas e também sobre a relação entre infância e sua representação por meio de imagens.

2. Crianças com imagem

A importância da imagem para as revistas é unanimidade entre os autores que tratam do tema. “Quando alguém olha para uma página de revista, a primeira coisa que vê são as

⁵ *Veja*, da Editora Abril, completou em 2018 50 anos. Naquele ano, tinha uma circulação média semanal de 849,5 mil exemplares (impresso e digital), segundo dados do Instituto Verificador de Comunicação (IVC) Disponível em <https://www.meioemensagem.com.br/ultimas-noticias/maior-semanal-do-pais- revista-veja-faz-50-anos> Acesso em: 11 mar. 2023.

fotografias. Antes de ler qualquer palavra, é a fotografia que vai prendê-lo àquela página ou não”, afirma Scalzo (2003, p. 69). Mesmo nas versões digitais de revistas que no passado só existiam no formato impresso – como é o caso de *Veja* –, as fotografias continuam sendo um ponto de entrada do leitor para o conteúdo jornalístico, dividindo o protagonismo com vídeos e infográficos interativos. Ali (2009, p. 166) defende que “fotos associadas a palavras são imbatíveis em poder de comunicação. Mais que um recurso estético, são um componente básico do que caracteriza uma revista e parte do processo de edição com uma importante função: fazer o leitor parar e despertar sua curiosidade para o texto”.

Além da valorização das fotos ser uma característica do próprio meio revista, o mundo contemporâneo, repleto de apelos visuais, acaba exigindo que as fotografias sejam destacadas no jornalismo. Scalzo (2003, p. 70) exemplifica contando que “uma pesquisa feita com leitores de *Veja* mostrou que uma matéria de uma coluna, sem foto ou ilustração, é lida por apenas 9% dos leitores. Já a mesma coluna de texto, acompanhada de uma foto ou ilustração, é lida por 15% deles”. A principal explicação para que isso ocorra é o apelo emocional. “Imagens emocionam, seduzem, despertam a imaginação, conduzem a leitura do texto e fixam na mente algo memorável”, afirma Ali (2009, p. 165).

Se em páginas internas das revistas impressas as fotografias já são fundamentais para atrair o leitor, na capa esse poder é ainda maior. Ali (2009) define a capa como um anúncio da edição e diz que, mesmo para os assinantes – que não serão influenciados pela capa para decidir se compram a revista ou não –, é ela que vai determinar se eles terão interesse imediato pelo conteúdo da publicação, ou se a deixarão de lado para lê-la depois. Por esse motivo, a construção da capa de uma revista é feita de forma detalhada e criteriosa, dentro da lógica da produção jornalística, que concilia a necessidade de informar e de “vender o produto revista”.

Destacada a relevância que as fotografias têm no jornalismo e, especialmente, para as revistas, nos interessa a seguir pensar sobre as imagens de crianças nessas publicações. Isso porque as fotos são potencialmente construtoras de sentidos. E mais: acabam por representar a infância – ou as infâncias – de sua época. Buitoni (2013, p. 139) lembra também que a fotografia carrega uma “aura de verdade”, de representação do “real”, desde seu surgimento no século XIX. Essa característica acaba por potencializar a credibilidade do acontecimento fotografado, mesmo que ela possa ser ilusória.

A autora considera que a infância – que ela diz talvez ser o período da vida mais fotografado – não encontra muito espaço na imprensa e traz uma reflexão sobre isso:

Como o jornalismo tem forte vinculação com o acontecimento, a narração sempre tem um final como ponto de partida. Pela pouca importância política de uma criança, quase sempre existem fracas articulações com um acontecimento. Nesse sentido, as imagens da infância tendem a um caráter genérico. A infância representa começo e início – algo que se distancia do acontecimento como finalização de uma ação (BUITONI, 2013, p. 141).

Em nossa pesquisa, o que percebemos – como já mencionado – é que as crianças realmente não ganham espaço como fontes jornalísticas, nem como sujeitos sociais, mas que suas imagens estão muito mais presentes nas publicações do que suas vozes. Nesse sentido, ao examinar fotos de crianças nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de S. Paulo*, Farah (2009, p. 2) também se surpreendeu: “Percebeu-se que as fotografias delas estavam em um número maior de matérias do que se esperava, além de muitas imagens aparecerem em matérias que não estavam diretamente relacionadas com as temáticas próprias da infância”. Mas o que parece se repetir nas pesquisas é a percepção de que essa representação é redutora, principalmente por mostrar a infância a partir de algumas poucas facetas.

Em um estudo realizado no Reino Unido, Patricia Holland (1992 apud PONTE, 2005) analisou fotografias de crianças em jornais das décadas de 1970 e 80. A autora identificou que as construções sociais da infância por meio dessas imagens podem ser divididas em tipos específicos de representações:

1) a primeira infância (*there is no such thing as a baby*); 2) a *criança da família* e seu calor íntimo, de onde emerge por vezes a *criança olímpica* [celebridade]; 3) a *criança aluno* e a sua ignorância e ingenuidade; 4) a *criança em perigo*, de palcos de guerra e cenários distantes; 5) a *criança libertada*, com novos direitos e as suas fantasias e a *criança sexuada* cuja imagem fascina, sobretudo no discurso publicitário, e convocada nas notícias sobre exploração sexual enquanto *faca de dois gumes*. (PONTE, 2005, p. 123, grifos da autora)

A pesquisadora constatou também que a criança raramente aparece em uma relação social, a não ser com sua família ou com outras crianças. Isso ocorreu, por exemplo, em outra representação de infância identificada por ela: a *criança trabalhadora*. Na maioria das imagens analisadas, elas estão sozinhas, isoladas, sem a interação com adultos. Mas o que mais chama atenção nos resultados de seu estudo é que as imagens de crianças de países mais distantes e do chamado Terceiro Mundo carregam mais sentidos negativos – que ela caracterizou como de dependência e de falta de poder. Em trabalho posterior, ela fortalece a ideia, mostrando que estas são as crianças que aparecem como vítimas, impotentes, sofredoras, abandonadas.”Sofrer no mundo não desenvolvido continua a garantir um senso de conforto entre espectadores nas

nações ‘desenvolvidas’, ao assegurá-los de que eles têm o poder de ajudar — do mesmo modo ‘natural’ que adultos ajudam crianças” (HOLLAND, 2006, p. 148; tradução nossa). E as imagens mais dramáticas são normalmente as escolhidas para as capas.

Em sua pesquisa, Farah (2009, p. 6) também identificou que a maioria das fotografias de crianças nos jornais de São Paulo analisados são relacionadas com a violência: “A da guerra; a da fome, a da miséria, a da pobreza, a da discriminação social e racial; e a violência urbana”. A autora afirma que muitas dessas imagens acabam por provocar sentimentos de repulsa ou compaixão. Algumas, destaca, são especialmente impactantes, porque mostram crianças assassinadas por guerras que se prolongam no tempo. E Farah também identificou que essas imagens de violências estão relacionadas a espaços geográficos normalmente tratados como de vulnerabilidade. “As fotografias que representam a fome, a miséria, a pobreza, a discriminação social e racial trazem traços semelhantes, principalmente as que retratam países estrangeiros, e a maioria delas representa estereótipos da América Latina, Ásia e África” (FARAH, 2009, p. 6). Nessa mesma lógica, os dois jornais observados pela autora também apresentaram imagens da violência urbana do Brasil.

A mesma conclusão aparece na pesquisa iconográfica realizada por Buitoni (2013) com imagens do século XIX em revistas e jornais brasileiros a partir de 1960. A autora percebeu que a representação da criança como vulnerável é a primeira que aparece nas fotografias. Examinando especialmente a revista *Veja*, objeto de nosso estudo, ela identificou que as crianças aparecem quase sempre de forma ilustrativa. Para ela, uma das explicações para esse fato é que as “crianças e adolescentes em geral não são atores políticos, por causa de suas atividades, quase sempre não envolvendo a esfera pública” (BUITONI, p. 148).

Entretanto, mesmo que não sejam consideradas como sujeitos políticos, as crianças têm suas imagens bastante exploradas nas propagandas políticas. Dubinsk (2015), ao examinar imagens utilizadas em cartazes políticos em diversos países, identificou que as crianças aparecem como vulneráveis, mas também como esperança de futuro. Entretanto, reflete a autora, nas duas representações, elas dependem da ação do adulto, mostrando que existe uma relação de poder que é dominada pelo sujeito adulto. Para a autora, a criança imaginária dos movimentos políticos raramente é uma criança “real”, mas suas imagens são ricas em simbolismo e provocam os adultos a sentir e agir. O que parece acontecer também no jornalismo, em que ela, do mesmo modo, raramente é protagonista.

A partir dos estudos citados, podemos destacar, portanto, que as crianças têm sido representadas em fotos jornalísticas de forma redutora, seja como vulneráveis, seja como complemento à mensagem que se quer veicular. Farah (2009, p. 8) afirma que “a representação visual da criança nos jornais tem como objetivo a utilização da criança como vetor cognitivo e afetivo, para despertar no leitor sentimentos de piedade e terror, assim como sentimento de esperança e alegria, como se pode observar nas matérias de política”. A seguir, então, mostraremos os resultados de nossa pesquisa, apontando como a infância é representada na revista *Veja*, durante o ano de 2019.

3. As imagens de crianças em *Veja*

No levantamento que fizemos para este trabalho, encontramos 202 imagens que registram a infância publicadas em *Veja* durante todo o ano de 2019. Selecionamos todas as fotografias em que uma criança poderia ser notada, na capa ou nas páginas internas, mesmo que não estivesse em destaque⁶. Assim, levantamos fotos em que crianças surgiam de costas, faziam parte de grandes grupos (quando era possível claramente identificá-las), ou estivessem acompanhadas de outros adultos. No caso das mais velhas, adotamos como critério selecionar imagens em que elas aparentavam ter até 12 anos, segundo a definição etária estabelecida pelo ECA, ou recorremos a informações do texto da notícia para localizar suas idades.

Sabemos que a delimitação etária não é o que define a infância na sua compreensão como categoria social — mas sim as vivências histórico-culturais que esses sujeitos experimentam, sobretudo em relações com os adultos. Porém, foi necessário estabelecer algum recorte para que a análise não incluísse imagens de adolescentes, pois, nesse caso, seria necessário mobilizar outras discussões teóricas, que não poderiam ser realizadas no escopo desta investigação.

Para as análises, buscamos seguir a proposta de Souza (1998) para o estudo de imagens (o não verbal) a partir da Análise do Discurso. Segundo a autora, essa investigação, por vezes, adquire tom descritivo, “não entrando em pauta a materialidade significativa da imagem na sua dimensão discursiva” (SOUZA, 1998, s/ p.). Assim, buscamos neste trabalho não nos fixar em

⁶ O levantamento foi feito com grande colaboração das bolsistas de iniciação científica FAURGS, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Valentina Bressan e Sophia Garcia, pelo Programa Institucional de Auxílio à Pesquisa de Docentes Recém-Contratados pela UFRGS.

narrar as imagens, mas entendê-las como um discurso, um texto não verbal, sem deixar de defender a ideia de que elas também são usadas como forma de apoiar textos verbais.

Nessa perspectiva, “o trabalho de interpretação da imagem, como na interpretação do verbal, vai pressupor também a relação com a cultura, o social, o histórico, com a formação social dos sujeitos. E vai revelar de que forma a relação imagem/interpretação vem sendo ‘administrada’ em várias instâncias” (SOUZA, 1998, s/ p.). Para isso, a imagem é tomada não como algo visível por si, mas que se torna visível pela interpretação, pelo olhar de quem a vê e a interpreta, pelo efeito de sentido que ela produz em quem a decodifica, nos remetendo aqui à teoria de Hall (2003). Esse consumo imagético, a produção de sentidos que aí opera, se dá, segundo Souza (1998), também pela produção de outras imagens mentais, pela articulação com nosso imaginário, com referencialidades, com nossas formações sociais. Surgem assim os “implícitos” dessas imagens, ou seja, as associações ideológicas que se manifestam em nossa leitura desses textos não verbais. Trata-se do que a autora denomina de policromia, numa articulação com o conceito de polifonia: “O jogo de formas, cores, imagens, luz, sombra, etc nos remete, à semelhança das vozes no texto, a diferentes perspectivas instauradas pelo *eu* na e pela imagem, o que favorece [...] a apreensão de diferentes sentidos no plano discursivo-ideológico [...]” (SOUZA, 1998, s/ p.; grifo da autora).

No caso da mídia impressa, à qual nos dedicamos nesta investigação, sabemos que as fotografias fazem parte de um conjunto de elementos, textuais e visuais, acionados pela diagramação da página, em que por vezes a imagem não reforça efeitos de sentido do texto verbal, mas, ao contrário, provoca dissensos em relação ao que se propõe na escrita: “A composição entre a chamada da notícia, a foto, cuidadosamente escolhida a partir de um determinado ângulo e a legenda que acompanha a foto produzem um tipo de texto que, quase sempre, está em dissensão com a redação da notícia propriamente dita” (SOUZA, 1998, s/ p.). No caso em tela, por conta do número expressivo de imagens, não poderemos analisar as fotografias no contexto de sua exposição nas páginas. Porém, buscamos, nesse processo, tomá-las não a partir de suas ancoragens verbais, como legendas e títulos, mas tentar compreender os sentidos por elas propostos na sua própria configuração, na tessitura de seus signos visuais, ancorados ainda nas representações de infância presentes em nosso imaginário e que dão forma a essa categoria social.

Buscamos então agregar as fotografias encontradas a partir de eixos semânticos mais prementes nas imagens, sistematizados, ou categorizados, da seguinte forma (TAB. 1):

TABELA 1
Imagens de crianças em *Veja*

Categorias/Eixos semânticos	Número de imagens	Percentual
Crianças acompanhadas/acarinhadas por adultos e/ou amigos	59	29,2%
Crianças em risco/mortas/tristes/doentes	25	12,3 %
Crianças brasileiras empobrecidas	23	11,3 %
Crianças em perspectiva histórica	23	11,3 %
Crianças vítimas de pobreza e/ou tragédias internacionais	23	11,7 %
Crianças “tecnológicas”	17	8,4 %
Crianças em âmbito escolar	15	7,4 %
Crianças brincando/felizes, sem os adultos	11	5,4 %
Crianças em contexto bolsonarista	6	2,9 %
Total	202	

FONTE – Elaboração das autoras.

Das mais de 200 listadas, 59 delas foram por nós compreendidas como crianças em situações confortáveis, em que aparecem cenas de alegria, de proteção, de amparo. Nesse eixo, surgem fotografias em que meninas e meninos de diferentes idades, incluindo bebês, brancos, estão principalmente junto ao seus pais, em cenas registradas sobretudo no lar (FIG. 1). Os ambientes são acolhedores e organizados. De modo geral, são rostos sorridentes, bem iluminados, demonstrando afeto e reciprocidade: os sujeitos da cena ou olham para a câmera, em retratos (FIG. 2), ou a câmera registra momentos em que crianças e adultos se miram com cumplicidade (FIG. 3). Nessa categoria semântica, surgem ainda registros de produções audiovisuais, como filmes em lançamento (quando ocorre mais diversidade étnica) (FIG. 4); e filhos de celebridades (FIG. 5), como as crianças da família real britânica ou as nascidas de atrizes e cantoras com quase 50 anos.



FIGURA 1 – *Veja*, 16 jan. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 2 – *Veja*, 11 set. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 3 – *Veja*, 20 mar. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 4 – *Veja*, 16 jan. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 5 – *Veja*, 6 fev. 2019
FONTE - Reprodução.

De modo semelhante, a categoria que traz crianças brincando (FIG. 6) ou simplesmente felizes apresenta rostos parecidos aos das crianças retratadas anteriormente, reproduzindo sua etnia, seu contexto socioeconômico e os seus ambientes. A diferença é que aqui os meninos e meninas (que podem ser ainda personagens de produções midiáticas ou filhos de celebridades; FIG. 7) não aparecem na companhia adulta. Exceção também para foto da menina negra Ágatha, morta numa favela do Rio de Janeiro pela Polícia Militar, que aparece brincando em fotos, que parecem mostrar sua inocência infantil. São imagens que se juntam ao eixo semântico exposto acima, representando, na soma dessas duas categorias, *mais de um terço das fotografias publicadas na revista*.



FIGURA 6 – *Veja*, 8 maio 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 7 – *Veja*, 13 nov. 2019
FONTE - Reprodução.

Vemos então uma *infância idealizada*, de classe média ou alta, branca e urbana, que vive sob cuidado e amor adulto. A infância feliz tem assim etnia e estatuto socioeconômico bem delimitados, procurando gerar identificação com o leitor de *Veja*, já que a revista tem como público majoritariamente classes altas (88% são dos estratos A e B⁷) e, portanto, branco (40%, segundo o Ipec) — mas também pardo, de acordo com a mesma pesquisa (42%), o que a revista parece esquecer⁸.

Em contraste, na categoria que traz crianças empobrecidas, associadas à realidade nacional, prevalece a cor de pele escura. Nessas imagens, os meninos e meninas estão em família (FIG. 8), ou com outras crianças na cena, mas nesse caso não há, necessariamente, acarinhamento ou aconchego. Os corpos estão normalmente eretos ou rígidos, um pouco mais isolados (FIG. 9), ou então apenas apoiados uns nos outros (FIG. 10), mas quase sempre fitando a câmera. A revista parece querer que aqueles sujeitos mostrem o sofrimento pelo qual passam, convocando o leitor para que olhem para eles. Os bebês e crianças menores aparecem por vezes no colo dos pais, mas, mesmo nesse momento, o sentido captado não é o de aconchego, e sim

⁷ Disponível em: <https://slideplayer.com.br/slide/17312154/>. Acesso em 1 mar. 2023.

⁸ Disponível em: <https://gente.globo.com/infografico-pesquisa-panorama-das-classes-abcde/>. Acesso em 1 mar. 2023.

o de uma sustentação adulta em meio ao caos, ao desconforto (FIG 11). A iluminação é precária, os ambientes têm sujidades, e a desorganização sobressai (FIG. 12 e 13).



FIGURA 8 – *Veja*, 16 jan. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 9 – *Veja*, 23 jan. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 10 – *Veja*, 14 ago. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 11 – *Veja*, 8 maio 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 12 – *Veja*, 15 maio 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 13 – *Veja*, 15 maio 2019
FONTE - Reprodução.

A esse conjunto de imagens, juntam-se fotografias que remetem a situações de empobrecimento, guerras e tragédias naturais, mas vinculadas a um cenário internacional. Para esse agrupamento, levamos em conta a presença de elementos que deixam claro que não se

trata de crianças brasileiras, como traços físicos, itens da cena (como escrita em paredes e cartazes) e também associações com outras imagens que aparecem logo ao lado delas, na página. Nesse eixo, temos peles igualmente escuras, mas se destacam as fotos em ambientes externos, fora dos lares, na rua (FIG. 14, 15 e 16) ou em ambiente de precariedade extrema (FIG. 17). Na maioria das vezes, as crianças surgem em grupos, em registros não posados, que remetem à captura de um momento de fuga; nesse instante, porém, algumas olham para a câmera (mas os demais adultos não o fazem).



FIGURA 14 – *Veja*, 15 maio 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 15 – *Veja*, 15 maio 2019
FONTE – Reprodução.



FIGURA 16 – *Veja*, 15 maio 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 17 – *Veja*, 29 maio 2019
FONTE – Reprodução.

Nesse mesmo movimento, cabe aqui outro conjunto de fotografias: as que trazem crianças com faces tristes ou preocupadas, ou em situação de desespero, sozinhas ou com seus pais (FIG. 18 e 19), além de corpos infantis já mortos (afogados, sendo velados ou já enterrados, com o registro de sua lápide), ou ainda os que estão em claro risco, em situações nacionais ou de um cenário estrangeiro que parece próximo (como se nota pela bandeira

Venezuelana, na figura 19). Meninos e meninas doentes, em ambientes hospitalares ou com outros equipamentos que remetem a tratamento médicos, também são alvo de retratos nessa categoria (FIG. 20). Nesse caso, os rostos das crianças nem sempre aparecem (FIG. 18, 21 e 22), e seus tons de pele continuam pouco brancos, ainda que esse tom de pele apareça mais. Em nossa amostra, esse agrupamento tem o mesmo destaque dos últimos dois eixos semânticos abordados (crianças brasileiras empobrecidas e as envolvidas em tragédias internacionais de países abaixo da linha do Equador; cada um deles com cerca de 25 imagens), o que significa que, em *Veja*, as imagens que mostram a *infância do sul global em sofrimento* têm muito relevo, ocupando outro *terço dos registros publicados*.



FIGURA 18 – *Veja*, 27 fev. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 19 – *Veja*, 15 maio 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 20 – *Veja*, 3 abr. 2019
FONTE – Reprodução.



FIGURA 21 – *Veja*, 29 maio 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 22 – *Veja*, 3 jul. 2019
FONTE – Reprodução.

Os teóricos da decolonidade (SANTOS, 2009) nos lembram que os países do sul global cuja construção se deu a partir dos movimento colonizadores europeus carregam as heranças desses processos, marcados por intensa exploração econômica, escravagismo e sufocamento cultural. Essas nações, hoje, sofrem com as profundas desigualdades socioeconômicas, com as fragilidades de seus recentes sistemas democráticos e com o racismo estrutural. Balagopan (2019), ao tratar especificamente das crianças por essa perspectiva, ressalta que o mundo euro-

americano olha para essas regiões do planeta não a partir das mazelas instauradas pelo imperialismo, mas a partir de um viés que segue colonizador, compreendendo esses territórios como inferiores, arcaicos, pouco evoluídos. Nessa visada, a modernidade, com todas as promessas do Estado liberal a ela atreladas — direitos, liberdade e desenvolvimento —, ainda não teria aterrado nessas regiões, ao contrário do que ocorre na partes ao norte do globo.

É com esse olhar, colonizado, que *Veja* apresenta parte das crianças retratadas: aquelas que estão protegidas. Remetendo ao imaginário do norte, com a pele branca e o conforto da classe média, os meninos e meninas apresentados respondem ao ideal da modernidade, que se traduz numa concepção de infância ingênua e feliz, que cresce no lar burguês, abrigada das vicissitudes do mundo adulto, das catástrofes ambientais e dos riscos da rua. Seria, ainda a criança olímpica ou criança libertada, na classificação de Holland (1992 apud PONTE, 2005), trazida acima — mas, aqui, com muito mais destaque na cobertura.

Por outro lado, a criança subalterna, remetendo ao termo consagrado por Spivak (2010), para quem as benesses da modernidade ainda não chegaram, vive sua infância de forma entristecida, cabisbaixa, resignada. Essas meninas e meninos não brincam, não interagem com a natureza, não usufruem de carinho, seja dado pelo adulto, seja por outras crianças. Vivem em um mundo, portanto, pré-moderno, incivilizado. Os povos subalternos são vistos como ultrapassados, e as riquezas de seus modos de vida são desconsideradas, já que não refletem as organizações socioculturais das populações do norte. Não há agência ou autonomia na infância das classes trabalhadoras do sul; apenas a esperança de resgate, como apontado por Holland (2006). É claro que reconhecemos a importância e a necessidade da denúncia das condições de vidas precárias dessas crianças, que está presente nessas imagens — e é fundamental para o cumprimento do papel social do jornalismo. Porém, quando essas infâncias são mostradas apenas por essa perspectiva, reproduzindo um movimento comum na imprensa (FARAH, 2009; PONTE, 2005), reforça-se outra perversidade do colonialismo: aquela que se manifesta em sua dominação cultural.

A revista *Veja*, aqui, não escancara os limites dos processos da modernidade, da sua incapacidade de cumprir as promessas de emancipação e bem-estar a todos, em razão de seus vínculos com o capitalismo, com a globalização (e com as exclusões, de raça, etnia, gênero etc. que sustentam essa estrutura socioeconômica). O ideal moderno é assim compreendido como o fim do que o seria um processo evolutivo, ao qual as nações do norte já chegaram, mas que ainda está longe da realidade sulista (a não ser nos cotidianos de suas elites econômicas,

segundo a publicação), e ao qual devemos almejar, para então finalizarmos o nosso processo civilizatório. Nas páginas da revista, a representação visual das infâncias deixa de revelar o fato de que a modernidade é responsável por violências, físicas e econômicas, e por apagamentos culturais. Não se trata de recusar elementos importantes do Estado liberal que ela carrega, como direitos individuais e democracia, mas sim de entender que o norte, dito moderno, se construiu e ainda se sustenta assim por meio da exploração de matéria-prima e de mão de obra do sul – e isso afeta também a burguesia sulista, ainda que ela não compreenda que também é vista como subalterna pelos que vivem acima do Equador:

Na verdade, se analisássemos os fatores da situação pós-colonial sobre os quais se assentam e coexistem os direitos das crianças, o aparato colonial e o aparato “desenvolvimentista”, então precisaríamos trabalhar com uma compreensão da modernidade como um processo desigual, violento e coercitivo nessas vidas, com as exclusões do passado continuando a exercer um papel significativo na formação do sujeito subalterno (BALAGOPAN, 2019, 230).

Outro eixo semântico que chama a nossa atenção é o aqui chamamos como criança tecnológica. A relação das crianças com as tecnologias vem sendo alvo constante de atenção social, mesmo antes do crescimento dos aparatos digitais. Entretanto, o modo como os adultos olham a questão é normalmente dual: ou as crianças são plenamente hábeis no uso desses dispositivos, e por isso conseguem se mostrar mais inteligentes e capazes do que aquelas de gerações passadas; ou máquinas como videogames e celulares colocam sua vida em risco, por deixá-las em contato direto com a violência e com a sexualidade (BUCKINGHAM, 2007).

A revista *Veja* também repercute esse debate e traz imagens variadas de crianças fazendo uso de tecnologias. Aqui, a maior parte das fotos registram meninas e meninos brancos sem adultos nas cenas, em contato com telas (ou em posição do que seria esse movimento corporal; FIG. 23 e 25) ou com outros aparelhos (FIG. 24). As faces das meninas e meninos são sérias, e eles estão imersos na luz ou no som dos aparelhos, sem interagir com outros, sem se importar com a câmera que registra o momento.

Essa mesma relação com as tecnologias também está presente, algumas vezes, em fotografias que registram estudantes, em ambientes escolares. Nesse eixo semântico, de modo geral, as fotos registram crianças em salas de aula, com ou sem professores no cenário, refletindo diferentes situações socioeconômicas (ou seja, têm-se o retrato de escolas públicas e particulares). Quando, em algumas dessas fotos, as crianças fazem uso de aparatos digitais, elas aparecem felizes ou entretidas (FIG. 26), numa postura confortável, e até mesmo prazerosa

(FIG. 27). Vale lembrar ainda que aqui temos uma representação tradicional da infância, tendo em vista que a escola é a instituição social que por excelência abriga as crianças, preparando-as para a vida adulta (e essa ideia de transição, de formação é característica fundante da concepção do infante; ou seja, falamos aqui da imagem da criança aluno (HOLLAND, 1992 apud PONTE, 2005).

Ao comparar os dois agrupamentos, percebemos assim que o modo de apresentar a utilização dos dispositivos digitais é diferente de acordo com o espaço retratado: no lar burguês, com crianças de pele clara e maior rendimento, a tecnologia é vista como uma ameaça ao contato dos pais com os filhos e à socialização. Na escola, porém, ela é um recurso que torna a educação mais divertida, atraente e funcional. Não há, assim, nas imagens publicadas pela revista, a infância que se relaciona com as tecnologias de modo plural, não estereotipado, acompanhando o movimento que a literatura na área (PONTE, 2009) vem mostrando: o uso mais intenso e sofisticado gera, ao mesmo tempo, mais riscos à segurança e à proteção das crianças, mas também mais oportunidades de crescimento e conhecimento, e a mediação adulta é fundamental para o equilíbrio entre essas possibilidades. O avanço tecnológico aqui, também fruto da modernidade, é visto de modo ambíguo: como um risco ou como uma benesse. Mas o perigo mapeado preocupa somente as elites; a criança subalterna, em contato com a tecnologia, na escola, está, novamente, a caminho do progresso, vai ao encontro da “infância moderna”. Seu resgate do mundo arcaico se dá por essa via.



FIGURA 23 – *Vejá*, 11 dez. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 24 – *Vejá*, 30 out. 2019
FONTE – Reprodução.



FIGURA 25 – *Veja*, 20 nov. 2019
FONTE – Reprodução.



FIGURA 26 – *Veja*, 3 abr. 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 27 – *Veja*, 16 out. 2019
FONTE – Reprodução.

Por fim, em nossas categorias, temos ainda dois eixos significativos. O primeiro deles são o que chamamos de crianças históricas: imagens antigas, normalmente em preto e branco, que mostram a infância de celebridades (FIG. 28, Michelle Obama) e outras personalidades da ciência ou da história (FIG. 29, os astronautas Scott e Mark Kelly) ou retratam períodos passados, como guerras e descobertas científicas, que estão sendo abordados pela publicação. No primeiro caso, as fotos evidenciam que, para a revista, é necessário voltar à infância de vários sujeitos para melhor entender quem são e por que seguiram a trajetória que hoje a publicação reporta. A infância assim se torna importante por ter sido a base de um plano bem-

sucedido, tendo sido vivida em ambientes empobrecidos ou não. Reafirma-se, de certo modo, que se trata de uma fase de vida fundamental para que os adultos façam proveito de suas capacidades de modo pleno, pois os talentos precisam ser cultivados desde cedo. Ao mostrar o passado, a revista aponta novamente para a criança como sua promessa de futuro, como citado no trabalho de Dubinsk (2015), como caminho para atingir o ápice. Eis, mais uma vez, a ideia de progresso, de evolução, base da modernidade.



FIGURA 28 – *Veja*, 22 maio 2019
FONTE - Reprodução.



FIGURA 29 – *Veja*, 24 abr. 2019
FONTE – Reprodução.

O segundo eixo, o menos presente, mostra crianças que remetem ao movimento ultraconversador consolidado no país com a eleição de Jair Bolsonaro à Presidência da República, em 2018. Devido aos fortes marcadores de sentido identificados nessas imagens, com claras referências a ícones do chamado bolsonarismo, como bandeiras em verde-amarelo e elementos militares, optamos por reunir essas fotos num grupo à parte, ainda que nele se tenha apenas seis fotografias. cremos, no entanto, que tais imagens devam ser investigadas mais profundamente em pesquisa futura, que consiga percorrer todo o período de governo de Bolsonaro, com especial ênfase nos períodos eleitorais, de modo a compreender como a criança foi utilizada pela extrema-direita brasileira como símbolo político.

Por fim, vale ressaltar que, das capas de *Veja* de 2019, as crianças estão presentes em cinco, mas em nenhum caso elas são destaque. Há quatro pequenas fotos, que compõem “chamadas” (como se diz no jargão jornalístico) para matérias internas, tratando de educação e situações de pobreza. Apenas em um número nota-se a infância representada na imagem

principal, mas de maneira difusa. Há crianças em meio a um grande grupo de adultos que ocupa o interior de uma avião cargueiro, em reportagem sobre imigrantes venezuelanos, mas nenhuma delas fica em evidência na cena. Essa ausência da infância na fotografia mais emblemática da revista, a de capa, indica, assim como já demonstrado neste trabalho, a subrepresentação das crianças nas pautas da publicação.

4. Considerações finais

Se as vozes das crianças estão muitas vezes ausentes das produções noticiosas, suas imagens, por sua vez, têm muito mais relevância. A imprensa, refletindo (e ao mesmo tempo fortalecendo) uma concepção social mais ampla, enxerga as crianças como sujeitos não autônomos, sem capacidade de reflexão crítica ou entendimento claro do cotidiano em que vivem. Daí, são vistas como fontes que não podem contribuir para as narrativas jornalísticas com um discurso “racional”, que possa ser tomado como crível e, portanto, importante (DORETTO; COSTA, 2012). O receio em descumprir legislações protetivas também colabora para esse cenário. Suas fotografias, porém, funcionam como estandartes, mobilizando a sociedade a agir para o fim de guerras, para a eliminação da pobreza e para o amparo à população atingida por tragédias ambientais. Da mesma forma, as imagens que retratam crianças em seus lares organizados, brincando ou como celebridades, reforçam o imaginário da infância que define essa fase da vida como aquela em que há amparo, ingenuidade e felicidades constantes, características que divertem e confortam os adultos. Aqui, percebe-se que a preocupação em desrespeitar a legislação parece não estar em evidência, já que vemos fotos de crianças em profusão.

Neste trabalho, investigamos a representação visual das crianças em uma das principais revistas do país, *Veja*, da editora Abril, durante o ano de 2019, quando iniciamos o nosso projeto de pesquisa. Foram levantadas mais de 200 imagens, que retratam sujeitos cuja aparência é de idade até 12 anos. Por meio do dispositivo teórico-metodológico da análise do discurso, aplicada à leitura de imagens, entendidas aqui como um texto polifônico, que remete a múltiplas referencialidades e imaginários, categorizamos as fotografias em alguns eixos semânticos. Nessa sistematização, destacamos imagens que mostram as crianças do sul global em sofrimento, sejam as empobrecidas no Brasil, sejam as que enfrentam tragédias em países da África ou da Ásia, sejam as que vivem em risco em todas essas regiões. A elas se contrapõem representações de uma infância burguesa, branca e vivida em ambiente privado, que remetem

a um ideal moderno euro-americano. Dividem-se assim as infâncias entre aquelas que já usufruem do processo civilizatório prometido pela modernidade, as das elites socioeconômicas, e as que vivem em um mundo arcaico e não racional, ou pré-moderno, as das famílias empobrecidas. A revista assim enxerga as crianças pelo olhar colonizador, em que os meninos e meninas subalternos são sujeitos que vivem à espera de um resgate, e não seres que resistem, que compreendem as perversidades do capital e lutam contra ele ao buscar sobreviver às suas mazelas, com suas famílias, da forma como podem.

Outra representação que sobressai nas fotografias divulgadas por *Veja* aborda as relações das crianças com as tecnologias, em que os dispositivos aparecem de forma binária: como ameaça à socialização das crianças das elites ou como instrumentos que tornam os processos educacionais mais vivos e interessantes, para todos os alunos. Novamente, não aparece nessas páginas a infância que enxerga as múltiplas camadas dos processos sociais, que tenta identificar os riscos que corre — e precisa de ajuda para isso —, ao mesmo tempo em que busca usufruir das potencialidades da tecnologia —, e que também necessita de auxílio nesse caminho. Aqui também pode-se enxergar a tecnologia como uma via importante para a entrada da infância empobrecida no mundo moderno: a tecnologia na escola é que aproxima as crianças subalternas das promessas da modernidade.

A partir disso, relembremos Bustelo (2011, p. 188, tradução nossa), que defende o pensar sobre a infância a partir de sua dimensão criadora, usando a expressão “recreo”, em espanhol, no sentido de recriar. Para ele, o “recreio”, remetendo ao intervalo escolar, “não representa um mero parêntesis entre duas campanhas, mas um estado de tensão em que a infância procura ‘recrear-se’ emancipando-se de uma transmissão totalmente submetida à adultidade”. Os jornalistas, ao construir representações visuais das crianças, devem, em nossa visão, como Bustelo diz (2011, p. 186) “sair e habitar com a infância”, de modo a fugir de construções superficiais e colonizadas. É preciso, portanto, compreender os cotidianos das crianças e estar com elas em seu caminho em busca da emancipação. Esse caminho não deve ser confundido aqui com a chegada à fase adulta, ou, no caso das crianças do sul global, com o alcance da visão redutora do ideal da modernidade (adotando as visões de mundo e maneiras de vier do norte). Para nós, essa emancipação das crianças, à qual a imprensa deve almejar, é a sua participação de modo ativo na luta social, estando com elas na busca por direitos, por vida digna, por respeito a suas culturas e modos de vida, já que “não há infância emancipada em uma sociedade opressora” (BUSTELO, 2011, p. 186).

Referências

- ALI, Fatima. **A arte de editar revistas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- BALAGOPAN, Sarada. Infância, cultura, história: rediscutindo “múltiplas infâncias”. In: ABRAMOWICZ, Anete; TEBET, Gabriela G. de C. **Infância e pós-estruturalismo**. São Carlos: Petro & João Editores, 2011.
- BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Loyola, 2007.
- BUITONI, D. Da seca ao guia de consumo: a representação de crianças na imprensa brasileira. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2. n. 2, 2013.
- BUSTELO, Eduardo. **El recreo de la infancia**: argumentos para outro comienzo. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011.
- COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- DORETTO, Juliana; COSTA, Renata C. O mundo da infância e a infância no mundo: vozes de crianças nas revistas brasileiras *Veja* e *Época*. **Rumores**, edição 12, ano 6, número 2, julho-dezembro 2012.
- DUBNSKI, K. Children, Ideology, and Iconography: how babies rule the world. **The Journal of the History of Childhood and Youth**, v. 5, n. 1, Winter 2012.
- FARAH, Amgela. A representação visual da criança na imprensa brasileira: uma análise dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., Curitiba, 2009. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2009.
- FURTADO, Thaís; DORETTO, Juliana. Criança cidadã?: os manuais de redação e as orientações sobre infância e adolescência. **Revista Mídia E Cotidiano**, v. 14, n. 1, 2020.
- FURTADO, Thaís; GARCIA, Sophia; BRESSAN, Valentina. A inclusão e a exclusão da voz das crianças na revista *Veja*. In: **Animus – Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 21, n.45, mar. 2022.
- HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações Culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HOLLAND, Patricia. **Picturing Childhood**: The myth of the child in popular imagery. Londres: I. B. Tauris, 2006.
- MARÔPO, Lidia. Crianças como fontes de informação: um desafio de inclusão do jornalismo. **Vozes e diálogos**. Volume 14, n.02. Itajaí: Univali, jul./dez. 2015.
- MARÔPO, Lidia. Fontes de informação e direitos da infância na cobertura jornalística portuguesa. In: PONTE, Cristina (org.) **Crianças e jovens em notícia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.
- PINTO, Manuel; SARMENTO, Manuel J. (coords.) **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Universidade do Minho, 1997.
- PONTE, Cristina. (org.). **Crianças e jovens em notícia**. Lisboa: Livros Horizonte, 2009.
- PONTE, Cristina. **Crianças em notícia**: a construção da infância pelo discurso jornalístico 1970-2000. Lisboa: ICS, 2005.

PONTE, Cristina. Kids Online na Europa e no Brasil: desafios para a pesquisa comparada sobre as práticas de crianças e adolescentes na Internet. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v.9, n. 25, p. 13-42, 2012.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. In SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2009.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SOUZA, Tania C.C. Discurso e imagem: perspectivas de análise do não-verbal. **Ciberlegenda**, Niteroi, n.1, 1998.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

TOMAZ, Renata. **O que você vai ser antes de crescer?**: youtubers, infância e celebridade. Salvador: EDUFBA, 2019.

TROIS, Loide P. Escutar (ao lado das crianças). In: COSTA, Luciano; BANDEIRA, Larissa; CORRÊA, Tatiele. (orgs.). **Estátuas de nuvens**: dicionário de palavras pesquisadas por infâncias. Porto Alegre: Sulina, 2017.